

A TRANSPOSIÇÃO DE LIVROS PARA EXPOSIÇÕES E UMA EDUCAÇÃO PARA O LEITOR-FRUIDOR

THE TRANSPOSITION OF BOOKS TO EXHIBITIONS AND AN EDUCATION
TOWARDS A READER

Thais Kuperman Lancman¹

Resumo: O presente artigo analisa duas exposições realizadas nos últimos anos em espaços culturais da cidade de São Paulo, que possuem em comum o fato de serem adaptações de livros: *A Biblioteca à Noite*, inspirada em obra de Alberto Manguel, e *Grande Sertão: Veredas*, transposição do romance de Guimarães Rosa. Tendo como ponto de partida a comparação entre as duas exposições, considerando as diferenças fundamentais entre as obras literárias – uma canônica e a outra não – as escolhas curatoriais no processo de transposição do texto em elementos visuais e sensíveis, discutiremos as exposições como recurso pedagógico. Para tanto, buscamos na *Base Nacional Comum Curricular* o conceito de leitor-fruidor, verificando de que maneira a educação brasileira propõe formar esse sujeito e, dessa forma, fazer uma leitura crítica das exposições analisadas.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Ensino. Intermedialidade.

Abstract: This article discusses two art exhibitions that took place in cultural spaces at the city of São Paulo, both constituted as book adaptations: *The Library at Night*, inspired by the work of Alberto Manguel and *Grande Sertão: Veredas*, transposition of the novel written by Guimarães Rosa. By comparing these exhibitions, considering the difference between the two literary works – one part of the Brazilian canon and the other not – as curatorial choices in the process of translating the text into visual and sensitive elements, we discuss the possibilities of usage of exhibitions as pedagogical tool. In order to do so, we sought the *Base Nacional Comum Curricular*, official guidelines for Brazilian Education, for the concept of reader (leitor-fruidor), verifying in what way the Brazilian education intends to educate new readers, and therefore critically analyze both exhibitions.

Keywords: Brazilian literature. Teaching. Intermediality.

Apresentação

Visitas a museus e outros espaços culturais fazem parte das atividades externas de alunos dos ensinos Fundamental e Médio, de instituições públicas e privadas. A ideia do museu e de exposições como lugares de complementação à educação formal não é nova. O sistema museal, especificamente, reconhece a importância de serviços educativos permanentes desde o fim do século XVIII, tendência confirmada no Brasil em 1920, com a proposta técnico-pedagógica de Fernando de Azevedo, que determinou a modernização dos museus e seu perfil de agente empenhado no complemento do ensino escolar. (ALMEIDA, 1997, p. 51). Desde então, de forma

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

programática e consistente, observam-se equipes permanentes nos museus brasileiros e em outras instituições culturais destinadas a pensarem exposições e atividades considerando o potencial educativo desses espaços, seja nas visitas independentes, seja como atividade programada por escolas.

Neste artigo, discutiremos o papel das exposições no ensino de literatura e na formação de leitores. Para tanto, analisaremos duas mostras temporárias realizadas na cidade de São Paulo, com a especificidade que ambas constituem em transposição de livros para o contexto de uma mostra visual. Consideramos a concepção dessas exposições exemplos de transposição, como uma forma de tradução intersemiótica:

Qualquer tradução oferecerá, inevitavelmente, mais do que o texto original oferece, e também menos. O sucesso de um tradutor não dependerá somente de sua habilidade e criatividade, mas também das decisões sobre o que será eliminado e sobre o equivalente que precisa ser encontrado. Essas decisões serão determinadas pela função a qual a tradução se presta e pelo contexto no qual ela aparece — considerações igualmente envolvidas na transposição intersemiótica. (CLÜVER, 2006, p.117)

Assim, buscamos compreender as escolhas dos idealizadores das exposições analisadas neste trabalho como processos que tomam o texto literário como base, mas que podem trazer diferentes sentidos para o leitor ou visitante. Pensamos inicialmente nesses idealizadores como leitores do texto-fonte, que formam diante dele suas próprias interpretações. O processo de construção das exposições é tradutório, pois consiste em levar a obra original para outro sistema semiótico, e, portanto, envolvem a habilidade e a criatividade do tradutor. Consideramos, portanto, a exposição como um novo produto cultural, porém irremediavelmente ligado à obra literária, de forma que sua compreensão completa sempre passará pelo cotejamento com o texto original. Isso é fundamental para a nossa análise uma vez que partimos de um questionamento a respeito da função educativa dessas exposições e se elas podem levar o visitante ao livro, seja a obra específica retratada por meio da exposição ou ao hábito da leitura em um aspecto geral.

A primeira exposição analisada, *A Biblioteca à Noite*, é uma reconstituição do livro homônimo de Alberto Manguel, e foi exibida no Sesc Paulista em 2018². Trata-se de uma transposição mais livre do texto-base em termos de estrutura, tanto a organização em capítulos quanto as bibliotecas mencionadas foram deixadas de lado na exposição, um passeio virtual – com o uso de óculos de realidade virtual – por dez bibliotecas ao redor do mundo.

2

https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12496_A+BIBLIOTECA+A+NOITE+EXPOSICAO+REVELA+O+LADO+MITICO+E+FILOSOFICO+DE+BIBLIOTECAS+REAIS+E+IMAGINARIAS

Em seguida, analisaremos a instalação sobre *Grande Sertão: Veredas* criada por Bia Lessa para a inauguração do Museu da Língua Portuguesa³. A intervenção multimidiática, que utilizou objetos de materiais diversos e trilha sonora especialmente concebida para a mostra, se propôs a reconstituir o romance de João Guimarães Rosa, homenageando o autor e fornecendo ao visitante um novo olhar sobre a obra.

Em ambas as análises, buscamos discutir as exposições à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como forma de avaliar as potencialidades das mostras como ferramentas a serem utilizadas pelos professores. Também apontamos como escolhas curatoriais diferenciam exposições desse tipo, exercitando diferentes habilidades nos alunos.

Sobre Livros

A exposição *A Biblioteca à Noite* foi criada pela companhia multidisciplinar Ex Machina, do diretor e roteirista canadense Robert Lepage. A primeira exibição foi em Quebec, em 2016, e a mostra chegou ao Brasil em 2018, exibida no Sesc Paulista, depois de passar por cidades canadenses e francesas. Trata-se de uma experiência de imersão, que faz uso da realidade virtual para levar o visitante a bibliotecas reais e imaginárias ao redor do mundo. Também envolve cenografia, pois o visitante passa por dois espaços que dialogam diretamente com o conteúdo da mostra, e sonora, principalmente no primeiro espaço, em que há uma narração em alto-falantes. A exposição parte do livro de mesmo nome, de autoria do escritor e pesquisador argentino Alberto Manguel e publicado pela primeira vez em 2005. O ponto de partida de Manguel é a construção de sua biblioteca particular no interior da França. A partir da narrativa dessa experiência, ele reflete sobre as diferentes maneiras que a Humanidade encontrou para organizar livros, a importância que acervos públicos e privados ganharam na sociedade, o que as bibliotecas representam enquanto espaços de memória e o quanto a nossa maneira de conhecer o mundo é moldada pela concepção de biblioteca enquanto espaço em que ele está armazenado.

Embora seja baseada na obra homônima, a exposição não busca ser um decalque do livro. Ambos têm início da mesma maneira. Assim como o texto parte do autor falando de sua biblioteca, uma reprodução desse espaço é aquilo que o visitante encontra em um primeiro momento, vivenciando, de certa forma, o ambiente descrito por Manguel, o local em que ele lê e estuda.

A constituição do espaço pessoal de leitura está diretamente ligada aos hábitos do leitor e, dessa forma, ao significado que cada pessoa dá aos livros e à leitura. As luminárias verdes, a

³ <http://museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/grande-sertao-veredas/>

paisagem do interior da França, as estantes em madeira mencionadas pelo autor se fazem presentes na cenografia recriada pelo Ex Machina. O visitante é convidado a explorar o espaço. No texto, Manguel fala que seus hábitos de leitura são noturnos, enquanto os dias são dedicados a catalogar e a organizar. Seu livro será, nesse sentido, diurno, falando de como livros são organizados, como se constituem bibliotecas ao redor do mundo, modelos para sua coleção particular. Na exposição, os visitantes podem passear pela biblioteca cenográfica, ver como estão dispostos os títulos nas estantes, até mesmo a vista pela janela e, depois de um tempo, luzes se apagam, simulando o anoitecer, o momento da imersão na leitura, e os visitantes seguem para outro espaço.

O segundo ambiente visitado é uma floresta em que árvores fazem as vezes de folhas e frutos. Ao mesmo tempo, escrivaninhas estão dispostas de maneira organizada. Os visitantes são convidados a se acomodarem em cadeiras giratórias e a vestirem os óculos de realidade virtual. A partir desse momento, cada um transita em 360 graus a seu modo e ritmo por dez bibliotecas virtuais, todas acompanhadas por narrações (no Sesc, foram traduzidas para o português, porém em países de língua francesa a narração foi feita no idioma original pelo próprio Alberto Manguel).

Como já antecipado, em termos estruturais, são poucas as semelhanças entre o livro *A Biblioteca à Noite* e a exposição. O livro é organizado em capítulos com títulos como “Mito”, “Ordem”, “Espaço”, “Poder”, ou seja, uma organização temática. Em diversos capítulos, o autor toma uma biblioteca específica como eixo, mas não se limita a ela. Na exposição, Lepage parece ter feito o contrário: a navegação do visitante com os óculos de realidade virtual se estrutura por bibliotecas e, ao entrar nelas, um narrador utiliza aquilo que está sendo visto para discutir as bibliotecas como um todo, e a energia particular que esses espaços possuem.

Chama a atenção que a maior parte das bibliotecas visitadas por meio da realidade virtual sequer são mencionadas na obra de Manguel. Apenas três se fazem presentes em ambos: A Biblioteca de Alexandria, a Biblioteca do Congresso, nos Estados Unidos, e a Biblioteca do Capitão Nemo, de *Vinte Mil Léguas Submarinas*, obra de Julio Verne. Entretanto, é possível observar que os temas explorados pela locução que acompanha o *tour* virtual integram o texto de Manguel. No livro, por exemplo, ele fala da Biblioteca de Bagdá, no Iraque, bombardeada pelo exército americano em 2003: “Há ocasiões em que se permite que uma biblioteca desapareça” (MANGUEL, 2006, p.217). O mesmo assunto – a destruição de livros e da memória nos tempos de guerra – é ilustrado na experiência de realidade virtual com a Biblioteca de Sarajevo, incendiada durante a Guerra da Bósnia e reinaugurada em 2014.

De maneira análoga, também percebemos semelhanças na abordagem da biblioteca do Queens, em Nova Iorque, apresentada no texto escrito como a união de um espaço de leitura e livros e um local público, em torno do qual se organiza a comunidade: “Uma entre muitas

bibliotecas que espelham a identidade plural, vertiginosa e intrigante do país e destes tempos” (MANGUEL, 2006, p.251). Na exposição, a mesma temática é explorada ao apresentar a Biblioteca Jose Vasconcelos, na Cidade do México. Ambas são construções modernas, com fachadas espelhadas. O *tour* virtual na biblioteca mexicana traz adolescentes que usam o vidro que reveste o espaço para se enxergarem enquanto ensaiam passos de dança, em um ritmo parecido com o hip-hop ou outro estilo urbano e jovem. Nota-se a importância da ideia de espelho de uma sociedade plural, como mencionado no livro.

Tanto no livro quanto na exposição, é possível notar que, embora bibliotecas sejam o tema central, *A Biblioteca à Noite* é também sobre a leitura e leitores. No texto, Manguel afirma:

A biblioteca que eu imaginara para meus livros, muito antes que suas paredes fossem erguidas, refletia o modo como eu desejava ler. [...] o espaço que escolhi para minha biblioteca estimula meus hábitos de leitura. (MANGUEL, 2006, p. 118)

Assim, pensando no caráter educativo da exposição, podemos compreender que é nesse âmbito que ela opera. Ao apresentar ao visitante o potencial da biblioteca enquanto espaço, seu poder e a diversidade de bibliotecas ao redor do mundo e em diferentes épocas, *A Biblioteca à Noite* se mostra como potencial instrumento de transmissão do amor pela literatura, o que Todorov defende como uma das consequências desejáveis do ensino de Literatura nas escolas (TODOROV, 2010, p.33) e é visto como um dos pontos em que a experiência em museus supera o ensino escolar:

Os ganhos afetivos são aqueles que mais enriquecem a educação em museus e parecem ser os mais possíveis de se realizar comparando-se o ensino escolar. A motivação para conhecer mais sobre temas tratados e o crescimento pessoal são exemplos de ganhos afetivos. Deixemos claro que o afetivo não é simplesmente gostar, mas também ter esse sentimento voltado para os temas tratados e objetivos propostos para a atividade programada. (ALMEIDA, 1997, p.51)

Quando falamos em formação de leitores, é comum que se discuta quais livros os alunos devam ler em sala de aula, ou crianças e jovens no contexto social e familiar, fora do ambiente escolar. Porém, o aspecto afetivo e o subjetivo surgem em segundo plano, como resultados de uma escolha certa de obras a serem lidas e metodologias a serem adotadas. A exposição *A Biblioteca à Noite* extrai esse elemento da obra escrita e transpõe para o visual e, mostrando a biblioteca como um lugar especial, também eleva a leitura enquanto atividade enriquecedora e prazerosa, ou seja, fortalece o papel do aluno enquanto leitor-fruidor, como apresentado na Base Nacional Comum Curricular:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p.138)

Quando *A Biblioteca à Noite* trata da figura do leitor, aquele que se senta quando escurece e se propõe a desvendar textos e, mais adiante na exposição, quando mostra em diferentes partes do mundo a variedade de bibliotecas, e até mesmo de tipo de materiais que elas abrigam, a exposição parece mostrar para o visitante justamente a dimensão humanizadora da literatura: algo que perpassa diferentes culturas e as une, e que está ao alcance de quem se dispuser a explorar espaços como aqueles apresentados em uma viagem virtual.

Sobre um livro

A instalação *Grande Serão: Veredas* foi concebida por Bia Lessa para a inauguração do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, em março de 2006, mesmo ano em que o romance de João Guimarães Rosa completou 50 anos de sua primeira publicação. Posteriormente, a instalação foi exibida em outras cidades brasileiras, mantendo sua linguagem e se adequando aos espaços que a recebeu.

Por um lado, a exposição se propõe a ser uma reconstrução da obra, duas palavras que ganham significado especial uma vez que a instalação foi criada para um espaço que passava por uma reforma, intervenção devidamente interrompida para que se aproveitasse o ambiente de estrutura aparente, pedras e tijolos. Materiais de construção são o elemento central da instalação, uma cenografia labiríntica. Como obra (re)construída, ela exibe o texto integral de Guimarães Rosa, em impressões do original com anotações do autor em bandeiras de tecido. As páginas podem ser manuseadas pelo visitante, que puxam as bandeiras para baixo de forma que elas fiquem em uma altura que permita a leitura. Além do texto integral, a instalação é articulada em seis percursos: “Diadorim”, “Diabo”, “Estudos para a Obra”, “Fragmentos”, “Interlocutor”, “Batalha” e “Riobaldo”. Os percursos sugerem leituras possíveis para o romance. Segundo a curadora: “Optamos por não dividir o ambiente, mas dividir o olhar. O espectador caminharia sete vezes, cada vez direcionando sua visão para um foco” (LESSA, 2006, n.p.).

Todos os percursos são calcados em fragmentos do texto, não apenas aquele que leva esse nome. O que muda são os recursos visuais adotados: no caso de “Diabo”, por exemplo, os textos

estão dispostos no chão, com os caracteres desenhados em terra espalhada no piso. A visualidade sugere um ser vindo das profundezas para divulgar sua mensagem, como o diabo no imaginário popular. Outra leitura possível é que, por ser um texto marcado em terra, ele aparece e some com facilidade, como os seres humanos em sua vida fugidia, em especial jagunços, como os personagens de *Grande Sertão: Veredas*, que vivem em meio à pobreza e aos conflitos entre bandos.

O percurso “Diadorim”, por sua vez, tem como elemento visual principal trechos da obra de Guimarães Rosa submersos em água, legíveis apenas com espelhos. A leitura é dificultada por um gotejamento constante que atinge os galões em que estão os textos, criando um jogo de legível e ilegível que se assemelha à construção de Diadorim aos olhos de Riobaldo ao longo da narrativa. Diadorim se aproxima e se afasta, se mostra compreensível e incompreensível, como o texto atingido por gotas d’água.

Entre os percursos propostos na instalação, destacamos “Fragmentos” e “Estudos para a Obra” como aqueles que não se referem à narrativa em si, mas a aspectos formadores do texto. “Estudos para a Obra”, constituído de painéis exibidos nas janelas, trata da relação do autor com seu universo, e o esforço em trazer para a obra sua visão de mundo. “Fragmentos”, com a exibição de trechos do livro em materiais como madeira e tijolos, chama a atenção para a linguagem de Guimarães Rosa, a formação do sentido como esforço simultâneo de condensar o potencial comunicativo em uma palavra – pinçada do léxico ou concebida para aquela situação, o neologismo – e do conjunto, a força da língua em conceber um universo particular e os personagens que transitam por ele, lutam e sentem.

Ao analisar a divisão estrutural da instalação de Bia Lessa, notamos que ela contempla diferentes áreas dos Estudos Literários. Há a análise da obra mais centrada no autor, seu processo criativo e suas influências, há o foco em aspectos formais do texto literário, e há a análise daquilo que o texto diz, seus significados, os caminhos pelos quais a história anda. Tudo isso está permeado pelo livro em sua completude, a obra página a página, como o que sustenta as leituras possíveis.

Embora a instalação de Bia Lessa traga ao visitante o texto integral de Guimarães Rosa e o arco narrativo dos dois principais personagens, além de um mapa do sertão com as trilhas dos jagunços, não se pode dizer que ela reconta o livro. Nos trechos selecionados para comporem os percursos, por exemplo, não há sequer menção a Hermógenes, líder do bando inimigo, nem a outros jagunços importantes no desenvolvimento do enredo. Também não fazem parte da narrativa proposta por Bia Lessa as mulheres. Isso fortalece a ideia da instalação como uma série de olhares sobrepostos, mas não uma transposição da obra para o visual em seu sentido mais estreito: a instalação não reconta a história, mas remonta e, por meio desse exercício, reinterpreta. Assim, se pudéssemos pedir para a alguém que apenas visitou a exposição que recontasse a história

de Riobaldo, ele saberia do que se trata, mas não seria capaz de narrar com as próprias palavras nenhum episódio da trajetória dos jagunços no sertão. Isso de forma alguma desmerece a instalação, e sim abre possibilidade que a leitura da transposição seja feita sem um aspecto moralizante (HUTCHEON, 2013, p.8), ou seja, sem a limitação de avaliar uma adaptação como fiel ou infiel.

O texto exibido na íntegra também é muito mais representativo pelo seu aspecto simbólico – a ideia de que ali está uma totalidade da obra – e até fetichista, diante da possibilidade de ver os garranchos do autor e, assim, um pouco de seu processo criativo. Nesse ponto, pode-se imaginar que a exposição é muito mais para os leitores costumazes de Guimarães Rosa do que para recém-chegados à sua obra. Podemos nos questionar, nesse sentido, quando uma obra específica é tema de uma exposição, como uma adaptação cinematográfica, quais as escolhas a serem feitas de forma a contemplar essas duas parcelas do público, aqueles que já conhecem o original e cuja satisfação emerge de novos olhares ou até mesmo da materialização daquilo que sempre imaginou, e aqueles que são apresentados a essa obra e a partir da adaptação a conhecerão, prosseguindo ou não para o texto-fonte posteriormente.

A instalação reconta a história, mas não como se espera que isso seja feito, mantendo a organização em capítulos e o enfoque episódico. Trata-se como explica Bia Lessa, de orientar o olhar, ou seja, chamar a atenção para alguns aspectos, o que, feito de forma visual, ganha também um aspecto metafórico. Assim, é possível relacionar a instalação de *Grande Sertão: Veredas* com o ensino de literatura como proposto por Teresa Colomer:

A função do ensino literário na escola pode definir-se também como a *ação de ensinar o que fazer para entender um corpus* de obras cada vez mais amplo e complexo. Isso é o que os alunos devem entender que estão fazendo ali e o que devem valorizar. Não sua intimidade, seus gostos, sem prazer ou sua liberdade de escolha. Nada disso pode ser, efetivamente, obrigatório. (COLOMER, 2012, p.45)

Colomer explica que, ao trazer para o ensino universal os métodos da educação burguesa, a falha dos educadores foi ignorar que os burgueses dispunham de bibliotecas em suas casas e a figura de adultos que personificavam a “ajuda ativa na construção de sentido” (COLOMER, 2012, p.44). Assim, o arcabouço teórico fornecido pelo professor de literatura, ou ainda, as leituras coletivas, exercícios de interpretação dos textos literários e outras estratégias podem ser positivas, na medida que cumprem esse papel. Colomer sugere que o uso variado de recursos mostra ao aluno as potencialidades da literatura, como construção de sentido, como diversidade de leituras possíveis

de um mesmo texto, “para ajudá-los a ampliar progressivamente sua capacidade de fruição” (COLOMER, 2012, p.67).

A instalação de Bia Lessa parece caminhar nessa direção. Os percursos determinados para a obra iluminam diferentes aspectos que podem chamar a atenção do leitor, ou ainda, aquilo que se sabe a respeito da obra mas não se sabe como ou onde encontrar. O interessante é que o raciocínio de Colomer, se aplicado à exposição de *Grande Sertão: Veredas*, parece se aplicar tanto ao caso do conhecedor da obra quanto ao recém-chegado no universo roseano. A instalação artística consegue, para os leitores frequentes, fornecer novos aspectos à leitura já feita, desmistificando um romance que, para muitos, é desafiador e até críptico.

Para aqueles que não conhecem *Grande Sertão: Veredas*, é interessante imaginar uma obra visual como primeiro contato com o romance. A exposição acaba por ser um demonstrativo do potencial da língua em uso, ainda mais se considerarmos sua concepção original, para o Museu da Língua Portuguesa. Assim, a instalação pode ser um disparador da curiosidade, e o visitante, depois convertido em leitor, seria instigado a procurar no texto as marcas do que viu na transposição da obra como elaborada por Bia Lessa. Se um possível leitor da obra sabe que Guimarães Rosa é um artífice dos neologismos, por exemplo, ele verá isso no percurso “Fragmentos”, e assim se aproxima da obra, enriquecendo sua leitura. Outro leitor imaginário, que não se deu conta de como o Diabo é construído no romance, pode a partir daí entender um pouco mais essa figura.

Ao mesmo tempo, ao reconstruir *Grande Sertão: Veredas* em objetos, cenografia, mapas e sons, Bia Lessa eleva a obra, chamando a atenção para sua grandiosidade. Não deixa de ser uma homenagem a um dos romances mais importantes da literatura brasileira, o que é uma maneira de “compartilhar o entusiasmo” (COLOMER, 2012, p.107). Diferente da leitura, individual e silenciosa, a instalação de Bia Lessa é coletiva e sonora, o que produz novas interpretações da obra para quem a conhecer, e atinge novos públicos. Não se propõe a substituir de forma alguma a leitura, nem de ser um resumo, mas de chamar a atenção para pontos específicos. Nesse quesito, é diferente da adaptação do romance para uma minissérie, produzida pela Rede Globo em 1985, ou até mesmo a remontagem teatral que a própria Bia Lessa dirigiu em 2018 e que foi exibida no Sesc Consolação. Nela, o enfoque é nos acontecimentos, detalhando cada batalha, os pensamentos de Riobaldo e seu depoimento ao Compadre Quelemén são transferidos ao público. Nota-se que é uma escolha distinta, que prioriza outros pontos da obra e reduz a importância de alguns que, na exposição, ganham destaque, como a presença do interlocutor. A lógica da minissérie é aquela do leitor iletrado:

Ele é aficionado pelo que Lewis grafa com maiúscula: o Acontecimento. [...] É o uso mais imediato de um texto, que não existe como potência artística, mas como instrumento de comunicação ou mero passatempo. Ele deve ser ágil, excitante, gerar curiosidades que serão satisfeitas, produzindo prazer ou felicidade. (SANCHES NETO, 2013, p.90)

O leitor iletrado, ao migrar da minissérie para o romance *Grande Sertão: Veredas*, talvez se decepçionasse com as complicações que a linguagem roseana impõe. Já o visitante da exposição, ao realizar trajeto semelhante, provavelmente se sentiria mais preparado para o desafio, e até instigado por ele. Como preparação para a leitura, o trabalho de Bia Lessa parece ser um aparato que deixa o leitor mais seguro. Por outro lado, é justo questionar se a montagem não tende a formar o que Sanches Neto classifica como o leitor “literariamente letrado”: “Ele se debruça sobre o livro para confirmar leituras críticas, aplicando conceitos teóricos (SANCHES NETO, 2013, p.90)”. Um leitor que fosse atrás da obra de Guimarães Rosa apenas para conferir o que ele viu na exposição, ou pior, se ficasse preso a essa leitura sem formular uma opinião própria, também não seria o ideal. Na descrição do leitor-fruidor da Base Nacional Comum Curricular, está proposta a ideia de um aluno que se forma leitor sabendo fazer uma leitura crítica e manifestar suas opiniões diante de uma obra literária, porém sem se desligar de valores humanistas. Assim consta nas Práticas de Linguagem do 6º ao 9º ano:

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p.156)

A exposição de *Grande Sertão: Veredas*, por meio de seus trajetos, parece operar tanto com aspectos da fruição da obra de Guimarães Rosa quanto de seu aspecto canônico, pautando-se por se tratar de uma obra fundamental da literatura brasileira. Ou seja, a própria existência de uma exposição sobre o romance fortalece a narrativa de um texto fulcral para a compreensão da literatura brasileira e seus principais movimentos. Ademais, os percursos da exposição, além de guiarem a leitura (transpostas para o olhar do visitante), também embasam os diferentes pontos tratados em sala de aula a respeito da obra, como a linguagem do autor, a escolha de retratar a região específica do sertão mineiro, a presença de figuras do povo entre os personagens, a inserção do imaginário popular e a consolidação da cultura brasileira por meio da literatura. A contribuição a um aprendizado sistematizado da literatura também condiz com a BNCC, entre os objetivos estipulados para o Ensino Médio:

No Ensino Médio, devem ser introduzidas para fruição e conhecimento, ao lado da literatura africana, afro-brasileira, indígena e da literatura contemporânea, obras da tradição literária brasileira e de língua portuguesa, de um modo mais sistematizado, em que sejam aprofundadas as relações com os períodos históricos, artísticos e culturais. [...] Nesse sentido, a tradição literária tem importância não só por sua condição de patrimônio, mas também por possibilitar a apreensão do imaginário e das formas de sensibilidade de uma determinada época, de suas formas poéticas e das formas de organização social e cultural do Brasil, sendo ainda hoje capazes de tocar os leitores nas emoções e nos valores. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p.523)

A transposição de Bia Lessa parece estar de acordo com as diretrizes estipuladas para o trabalho com obras canônicas e um ensino sistemático da literatura brasileira. Entretanto, é pertinente considerar que a multiplicidade de trajetos e leituras da exposição, se por um lado permitem variados usos do material expositivo, adaptáveis ao nível de conhecimento dos visitantes da exposição, condicionam o professor ao trabalho prévio de saber o nível de seus alunos e, se for o caso, prepará-los para a experiência visual e sensível:

Não saltarão de repente de um tipo de corpus a outro. Podem ficar deslumbrados, isso sim, ante o desempenho entusiasmado do professor e de seus recursos para interpretar um texto; mas essa admiração do professor e de seus recursos não passará, sem mais nem menos, a capacidade de análise do adulto para a autonomia de fruição do aluno. (COLOMER, 2012, p.67)

Considerações finais

Deixando momentaneamente de lado as particularidades de cada exposição mencionada, podemos entender que ambas, ao se apresentarem como transposição de livros para o ambiente expositivo, enriquecem a habilidade já trabalhada no ambiente escolar referente a adaptações de textos literários:

A ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, games etc. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p.500)

Enquanto adaptações cinematográficas ou em HQs já são conhecidas, e dispõem de recursos consolidados para seu trabalho com alunos de diferentes etapas do ensino escolar, a ideia de adaptar um texto para uma exposição permanece como desafio. Por esse motivo justamente é

que devem-se incentivar iniciativas desse tipo. Dessa forma, tanto o repertório do professor quanto o do aluno podem ser ampliados.

Ao trazer a literatura para a construção museal, as iniciativas do Sesc e do Museu da Língua Portuguesa também promovem o cruzamento de fronteiras entre os saberes, nesse caso, aproximando a literatura das artes visuais. É importante ressaltar que esses espaços, inclusive, são mencionados na BNCC como fundamentais no processo educativo e na construção de um sujeito fruidor:

O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade. O mesmo deve ocorrer com outras manifestações presentes nos centros culturais, museus e outros espaços, de modo a propiciar o exercício da crítica, da apreciação e da fruição de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, peças de teatro, poemas e obras literárias, entre outros, garantindo o respeito e a valorização das diversas culturas presentes na formação da sociedade brasileira, especialmente as de matrizes indígena e africana. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p.483)

Podemos concluir, então que o entrelaçamento dos saberes por meio de exposições desse tipo amplia tanto o repertório artístico, no sentido que apresenta diversas linguagens e suas possibilidades, e simultaneamente contribui de maneira pontual com os estudos de língua portuguesa e literatura, por meio de uma valorização da leitura. São faces da mesma moeda, se considerarmos o aspecto afetivo já mencionado.

O despertar dos afetos parece ser o maior triunfo de *A Biblioteca à Noite*. Isso não significa diminuir seu valor, uma vez que apresentamos aqui diversas razões pelas quais o afeto é fundamental para a formação de leitores e o ensino de literatura na escola. A exposição baseada no livro de Alberto Manguel parece pegar uma via paralela para atrair novos leitores ou chamar a atenção para o valor da literatura e, nesse sentido, atinge um ponto cego que escapa ao cotidiano escolar.

Já a adaptação de *Grande Sertão: Veredas* elaborada por Bia Lessa faz escolhas distintas. Enquanto a obra do grupo Ex Machina tem o texto-base como referências cujas ideias principais devem ser extraídas, a exposição no Museu da Língua Portuguesa é construída sobre trechos do romance de João Guimarães Rosa, em diversas citações. Lessa cumpre o papel do crítico ou do acadêmico, de certa forma, ao traçar percursos com diferentes focos, promovendo uma visualização tanto da obra em si quanto do trabalho com o texto literário. O afeto, no caso dessa exposição, se apresenta pela apresentação na prática do que um autor pode construir em termos de

literatura e, para alunos familiarizados com o universo roseano, uma explicação chamativa, pela quantidade de recursos adotados, e esclarecedora de sua obra.

Referências

- ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. *Comunicação & Educação*, v. 0, n. 10, p. 50, 30 dez. 1997. p. 50-56.
- CLÜVER, Claus. Da transposição intersemiótica. In: ARBEX, MÁRCIA (Org.). *Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. p. 107–166.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. 1a. ed. São Paulo: Global Editora, 2012.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução Andre Sechinell. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.
- LESSA, Bia. *Grande sertão: veredas (catálogo da exposição)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.
- MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. Tradução Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. . [S.l: s.n.]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>, 2018. Acesso em: 19 de maio de 2019
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANCHES NETO, Miguel. *O lugar da literatura: ensaios sobre inclusão literária*. Londrina: EDUEL, 2013.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

Recebido em: 6/11/2019

Aprovado em: 4/5/2020